

CLARICE LISPECTOR NO MUNDO ÁRABE: APONTAMENTOS SOBRE A TRADUÇÃO ÁRABE DE *A HORA DA ESTRELA*

CLARICE LISPECTOR IN THE ARAB WORLD: NOTES ABOUT THE ARABIC TRANSLATION OF THE HOUR OF THE STAR

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly
Aswan University, Aswan, Tingar, Egypt
elgebalymaged@gmail.com

Resumo: Esse artigo busca analisar nossa experiência da tradução do português ao árabe de *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, que foi lançada no Egito no dia 24 junho 2018. Até o presente momento, ela é a primeira e única tradução árabe de *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. Seguindo as etapas do processo tradutório, propostos por Williams e Chesterman (2002), vamos apresentar reflexões sobre cada momento dessa tradução, desde o início da leitura e interpretação do romance, passando pela busca de resolução dos problemas da tradução e chegando até a revisão editorial, a editoração e a recepção da obra no Egito e nos países árabes.

Palavras-chave: Tradução árabe; *A Hora da Estrela*; Clarice Lispector

Abstract: This article seeks to analyze our experience in the translation from Portuguese into Arabic of *The hour of star*, by Clarice Lispector, which was launched in Egypt on June 24, 2018. Until the present moment, it is the first and only Arabic translation of *The Hour of the Star*. Following the moments of translation processo suggested by Williams and Chesterman (2002), we will present the process of this translation, from reading and interpretation of the novel, passing by the search for solutions for the problems of translation and reaching until publishing, and the reception of the work in Egypt and Arab countries.

Keywords: Arabic translation, *The Hour of the Star*, Clarice Lispector



1 Introdução

A obra de Clarice Lispector representa uma literatura clarividente e complexa porque envolve a confluência típica da identidade brasileira em múltiplas identidades culturais. Ela consegue, especialmente, em *A Hora da Estrela*, narrar a partir de Rodrigo – a voz do patriarcalismo – a saga da nordestina Macabéa. Essa narrativa é produzida na fase madura da escrita da autora, já que é a sua última obra publicada. A linguagem contrasta e parodia a linguagem oficial e burocrática durante a ditadura. Clarice Lispector, por meio de uma expressão literária intimista e filosófica, busca uma modernidade literária ao avesso da modernização progressista-positivista que marcou o movimento naturalista.

A seguir, vamos indicar apontamentos sobre a tradução árabe de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, mas antes definiremos o conceito de tradução que fundamentará nossas reflexões. Boaventura Souza De Santos (2005) defende o caráter experiencial interativo da tradução e a define como:

um trabalho argumentativo de imaginação epistemológica e de imaginação democrática presente nas reflexões e preocupações de todas aquelas perspectivas, movimentos e práticas que propõe o objetivo de construir novas e plurais formas de emancipação social (SOUSA SANTOS, 2005, p. 168).

Além do caráter experiencial, Williams e Chesterman (2002) demonstram o aspecto “processual” da tradução que é, para eles, formada por três instâncias: a primeira consiste na leitura, compreensão, interpretação e produção dos sentidos do texto; a segunda é a da tradução e a reescrita na língua alvo; e finalmente a terceira termina na revisão, editoração, publicação e recepção da obra traduzida. Também Anthony Pym (1998), entre outros, afirma o caráter intercultural da tradução, como fruto de interações e negociação de sentidos entre culturais. Assim, podemos entender a tradução como um processo complexo de transferência de experiência de uma cultura para outra. Sendo a tradução um processo, o vemos realizando-se progressivamente nesses três momentos antes descritos.

2 Contexto da tradução árabe de *A Hora da Estrela*

O tradutor de *A Hora da Estrela* do português ao árabe foi Maged Elgebaly, professor de língua portuguesa e suas literaturas no curso de mesmo nome na Aswan University, no Egito. O contexto da tradução dessa obra parte da perspectiva de que ainda o ensino da língua portuguesa e suas literaturas no mundo e no Egito passa por vários desafios (ELGEBALY, 2018). O maior deles é a necessidade de consolidação de políticas públicas para o ensino de língua portuguesa fora dos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Outro ponto relevante para compreender o contexto da tradução é a permanência de uma relação assimétrica entre a língua portuguesa e outras línguas.¹ Isso conduz a uma precariedade da situação dos tradutores de língua portuguesa e suas traduções. Podemos ressaltar que faltam cursos profissionalizantes de tradutores de língua portuguesa, já que a formação desses profissionais é uma indústria educativa de alto custo e valor.

A trajetória do tradutor da obra começa com a tradução do espanhol para o árabe da obra *Desumanização da arte*, de Ortega e Gasset. Mais tarde, como parte de seu doutoramento

¹ Armando Teixeira Carneiro discute a geopolítica do espaço ocupado pela língua portuguesa no mundo e suas dificuldades (CARNEIRO, 2006).

na Universidade de São Paulo, traduziu *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum, para o árabe. E, mais recentemente, se dedicou à tradução de *A Hora da Estrela*, sendo esta, até a presente data, a primeira e única tradução dessa obra para a língua árabe.

A autora teve alguns contos traduzidos por Khalil Kalfat², como “A menor mulher do mundo”, “Miss Algarve” e “Macacos”, que foram transpostos do inglês para o árabe e não diretamente do português ao árabe. Elgebaly estudou a obra desde seu contato mais profundo com a literatura brasileira, entre 2008 e 2012, durante seus estudos em São Paulo. Em 2016, já no Egito, uma editora local o convidou a traduzir o romance.

A Hora da Estrela, publicado pela Editora Rocco em 1977, conta a história de Macabéa, uma nordestina que vai morar no Rio de Janeiro para tentar uma vida melhor. É um tema recorrente nas artes brasileiras do século XX e podemos citar a música “Como nossos pais”, de Antônio Carlos Belchior e interpretada por Elis Regina em 1976, em seu álbum “Falso Brillante”. Em um trecho da música, a protagonista questiona sua condição

Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração
(BELCHIOR; REGINA, 1976)

As jovens nordestinas, caso de Macabéa, formaram uma cultura dupla entre aquela de origem e a das grandes cidades do sudeste brasileiro na qual estabelecem as suas amizades, trabalham e se envolvem nas suas vidas profissionais. Essa vida dupla entre os valores das tradições culturais patriarcais nordestinas e os valores ocidentais liberais das grandes metrópoles resultou em uma tensão na formação cultural dessas migrantes. Já nos anos 2000, antropólogas como Roberta Ceva e Cláudia Barcello Rezende, entre outros, começaram a se dedicar a compreender esse fenômeno de tensão entre os dois grupos culturais (REZENDE, 2001; CEVA, 2001)

3 Ler para traduzir: desambiguação da polifonia da narração

A primeira aproximação da obra se deu com a leitura do texto narrativo para entender a narração e suas técnicas. *A Hora da Estrela* é narrada por um jornalista carioca chamado Rodrigo em primeira pessoa.

Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos a guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e ‘gran finale’ seguido de silêncio e de chuva (LISPECTOR, 2006, p. 11).

Rodrigo é um homem narrando a vida de uma mulher pobre e nordestina. Nessa fala, Clarice Lispector explicita de forma sutil as adversidades enfrentadas pelas mulheres que tem sua voz reverberada pelas palavras dos homens, ou seja, pelo patriarcalismo. Essa narração masculina é interrompida pela “epifania”, a introspecção da consciência das personagens como os monólogos de Macabéa e os diálogos dela com os outros: Olímpico de Jesus, Glória, o

² Khalil Kalfat traduziu os contos que foram publicados em *Contos latinoamericanos traduzidos ao árabe* (2013).

açougueiro pai de Glória, Senhor Raimundo Silveira, a cartomante Carlota, e cada um deles tem uma função específica nessa narração.

Os tradutores devem estar atentos à polifonia na tessitura da narração, como afirma Paulo Bezerra (2005). André Luis Gomes (2007) propõe ler o texto literário de Lispector como um ato de “encenação”. No texto clariceano ocorre a teatralização dos multiuniversos subjetivos envolvidos nos acontecimentos. (GOMES, 2007, p. 78-182). Assim, podemos descrever o romance de Lispector organizado em cenas, a primeira é composta pelo título *A Hora da Estrela* e os possíveis títulos na página 5. A segunda é uma dedicatória do autor ou Clarice Lispector na página 7. A terceira é a história da protagonista, Macabéa, que vai da página 9 até a 27 quando se começa a introduzir a quarta cena que trata da Macabéa em seu trabalho e as relações em torno desse ambiente. A quinta cena começa na página 51 e é a relação de Macabéa com Olímpico de Jesus. A partir da página 61 começa a sexta cena, quando Olímpico deixa de se interessar por Macabéa e passa a querer Glória, Macabéa perde o trabalho e sua saúde enfraquece. Na sétima, a partir da página 67, ela procura Carlota, a cartomante que a enche de sonhos e esperanças. A oitava cena, na página 98, é o acidente que conduz à morte de Macabéa.

A escritora constrói a narrativa a partir de dois planos. O primeiro é o do narrador Rodrigo e o segundo, a história da Macabéa. A construção das vozes se dá também através da dualidade: cada voz se dirige a outra, o que torna o texto mais complexo, pois é preciso buscar o narrador e o seu interlocutor. É Rodrigo narrando a história e a escrita da história, uma metanarrativa vinda entre parêntesis, e os monólogos e diálogos de Macabéa consigo mesma e com seus interlocutores nas diversas cenas. Nesse sentido, a narração ressalta o aspecto da alteridade da autora que deseja que a história seja contada pela personagem Rodrigo. Essa leitura analítica permite aos tradutores identificar as vozes narrativas ao longo do texto e suas manifestações na ortografia por meio dos parêntesis, vírgulas, reticências e travessões.

A autora expõe essa melancolia do ser duplo na convivência entre duas culturas, a nordestina e a do Sudeste do Brasil. Esse aspecto pode ser observado na escolha de Olímpico que vê Macabéa como um corpo murcho:

Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa — é o que eu descubro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe. Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país (LISPECTOR, 2006, p. 72).

Para o tradutor é um desafio entender essas nuances culturais e identificar as vozes narrativas que ecoam no texto, distingui-las umas das outras, compreendê-las e interpretá-las nas suas respectivas situações narrativas. Para isso, recorre-se à visualização que é a representação mental de imagens das experiências narradas para poder traduzir as referências que não constam em dicionários bilíngues (ELGEBALY, 2012). Há visualização das práticas culturais presentes em cada cena como as músicas infantis, a marca cultural material presente

na expressão “goiabada com queijo” e a busca do equivalente do termo que dista de palavras do mesmo campo semântico usado no texto de Lispector.

Essa visualização possibilita redimensionar os sentidos das palavras, mas só acontece quando se sustenta na experiência vivenciada pelo próprio tradutor e no conhecimento da tradição literária em que aquela obra está inserida. A experiência de vivências na cultura fonte, como o conhecimento da paisagem e do ambiente cultural do sertão nordestino ou da vida na cidade do Rio de Janeiro ampliam a capacidade de aproximação do tradutor com o texto. E, conhecer a história da literatura brasileira, nesse caso, proporciona ao tradutor fazer associações entre a cartomante Carlota, de Lispector e o conto “A cartomante”, de Machado de Assis (2005) e essa intertextualidade auxilia na interpretação do texto e na elaboração de uma tradução mais fiel.

4 Codificação e recriação de registros sociolinguísticos

Na codificação, o tradutor desenvolve um olhar intercultural e interlingual entre a escrita em árabe e em português e vivencia um processo de recriação e reescrita na língua alvo (BEZERRA, 2012).

Essa recriação passa pela reescrita dos registros sociolinguísticos, ou seja, a linguagem usada nas diferentes situações, nos termos de Michael Halliday (1978) (campo, tenor, modo) na língua alvo. O campo aparece, por exemplo, nas temáticas culturais nordestinas abordadas em certas cenas do texto. O tenor está, mas não só, no nível de informalidade e formalidade do uso da língua nas conversas entre os personagens. E o modo é o meio de transmissão da língua que determina seu uso, como por exemplo os programas da Rádio Relógio que exigem certo nível de formalidade.

Estruturalmente, a língua árabe tende a adiantar o verbo e adiar o sujeito, ao contrário do português que adianta o sujeito e adia o verbo. Há também a tendência discursiva do português em usar muitas vírgulas, em comparação com o árabe, que tem às vezes frases longas entrelaçadas com conectores.

Culturalmente, há múltiplas semelhanças entre brasileiros e egípcios que geram simetrias nas expressões de registros de diferentes situações. Vivenciamos movimentos migratórios parecidos em alguns aspectos do campo para a cidade e tivemos aparelhos estatais burocráticos semelhantes nas suas expressões. Darcy Ribeiro (1999) ressalta em seu ensaio uma das diferenças culturais brasileiras, a dicotomia entre o sertão e a cidade, que deve ser muitas vezes explicitada na tradução árabe.

Segundo Wolfgang Iser (1999), a leitura da obra literária gera certos “efeitos” que dialogam com os sentidos que adquirem no contexto da sua recepção. Na leitura de *A Hora da Estrela* no contexto da tradução, a obra gera “o efeito” de evocação de “nexos”, ou a partir do conceito de Benjamin Abdala Junior (1996), “inclinações solidárias” entre o romance brasileiro e os textos paralelos na cultura alvo. É assim que a leitura do romance brasileiro evoca a literatura árabe que trata da migração do campo para o Cairo nos anos de 1950, como a obra de Yusuf Idris (1954). Os problemas vividos por alguns personagens dessas obras eram semelhantes aos de Macabéa, o que proporcionava para a tradução uma referência da linguagem e isso dava ao leitor mais naturalidade na recepção da leitura como um registro literário egípcio. Porém, a complexidade da obra de Lispector, por ser modernista, tem uma maturidade maior no uso das técnicas narrativas psicológicas, enquanto Idris, como autor realista, mantém a

descrição dos personagens com uma dimensão psicológica profunda, mas com construção narrativa menos complexa que a de Lispector.

5 Tradução das referências culturais

Francis Aubert (2006) reflete sobre o problema da delimitação da referência cultural porque não é perceptível na expressão linguística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original. Segundo o autor, o “marcador cultural aparece e se atualiza quando esse discurso original incorporar em si uma diferenciação ou for colocado em uma situação que faça sobressair à diferenciação das alteridades” (AUBERT, 2006, p. 33). Na proposta, Aubert (2006) classifica os marcadores culturais em quatro domínios. O ecológico, que designa seres, objetos e eventos da natureza, por exemplo, as características do sertão frente às da natureza do Rio de Janeiro. O da cultura material, que designa objetos criados pelo homem como os produtos típicos do Brasil, como a farofa. O da cultura social, que designa o próprio homem, bem como as atividades e eventos que estabelecem, como a linguagem típica da atividade de datilógrafa dos anos setenta. E, por fim, o da cultura ideológica, que designa crenças como todas as conotações da Rádio Relógio.

O domínio ecológico, apesar de apresentar diferenças, também tem semelhanças que facilitaram a tradução. A exemplo disso, há a paisagem da cultura de cana de açúcar que acontece tanto no nordeste brasileiro como no Egito, fazendo com que a referência seja mútua. Entrando no domínio da cultura material, há os produtos culturais da prática agrícola do canavial e do engenho como a rapadura e o melado, mencionados no diálogo entre Macabéa e Olímpico, e que também são popularmente conhecidos no Egito, especialmente, nas zonas rurais.

Procuramos no processo de tradução preservar a cultura nordestina em seu registro bem marcante na boca de Olímpico e Macabéa, por outro lado, um problema desse processo é a linguagem própria da sua cultura que é peculiar, como a palavra cordel ou as festas de maio. Outro ponto a ser ressaltado é a historicidade da linguagem, pois Clarice resgata de certa maneira registros típicos da linguagem burocrática e a cultura popular dos anos setenta.

6 Explicitação discursiva

A explicitação discursiva é a adição de palavras ou orações para explicitar sentidos mais ou menos claros na cultura fonte, mas que ficariam pouco evidentes na cultura alvo, como afirma Heloísa Gonçalves Barbosa (1990). Assim, isso foi feito para reparar esse desajuste semântico, no sentido, e pragmático, no uso, entre a expressão em português e sua tradução em árabe. Como exemplo disso, ao invés de falar da rapadura, em árabe foi importante acrescentar à palavra a expressão explicativa cana de açúcar porque há culturas árabes que desconhecem o universo da produção de cana de açúcar, o engenho e seus hábitos associados, facilitando a compreensão dos diálogos entre os nordestinos Macabéa e Olímpico. Outro exemplo é a carne de sol, que foi traduzida como carne curada no sol, para explicitar o processo que dá a unicidade do elemento cultural alimentar.

Diante dos exemplos, a explicitação discursiva vira, então, uma solução obrigatória na traduzibilidade do texto em língua árabe, considerando o grau de implicação que envolve a discursividade brasileira, especialmente, em *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector.

7 Editoração

A tradução de *A Hora da Estrela* foi publicada pela editora Kotob Khan e lançada em 24 de junho de 2018, com uma capa de autoria de Hatem Seleiman, que apresenta uma mulher insinuante e sensual. A Editora Kotob Khan foi criada em 2006, com sede no Cairo, e desde a sua criação publicou sete obras traduzidas, sendo *A Hora da Estrela* a única do português. Em geral, contratam revisores para as traduções. No caso da obra de Lispector, o revisor desconhecia a língua portuguesa e, provavelmente, se baseou nas traduções inglesas e na espanhola para revisar a versão árabe. O revisor, Yasser Abdel Latif, é um renomado escritor que pertence à geração dos noventa na literatura egípcia. Em sua revisão, fez escolhas que primaram por compreender o livro como objeto de consumo e descuidaram de algumas questões teóricas da tradução. Foram feitas modificações em diversos pontos que minimizavam as diferenças culturais e simplificavam a obra de Lispector. Aqui há uma tensão entre a estrangeirização, proposta pelo tradutor, e a domesticação, pela revisão e editoração. Essas escolhas no processo de tradução são detectadas no século XIX por Friedrich Schleiermacher (2001). Segundo ele, há duas tendências na tradução ou na intermediação intercultural: uma busca trazer o texto para o leitor, submetendo o texto à cultura de chegada, denominada de “domesticação”, e a outra, o leitor para o texto, a “estrangeirização”, respeitando as diferenças culturais na obra. (AUBERT, 1998). Observamos que há uma inclinação egípcia e árabe à domesticação da tradução e à interferência de outras línguas nos processos da tradução do português, como o inglês e o espanhol, por serem línguas com mais políticas públicas de divulgação e, conseqüentemente, ocupam um maior espaço nesse mercado. Em vista disso, há uma predisposição de domesticação das traduções que transpõe o sistema editorial árabe e tende a reproduzir um mecanismo de domesticação “arabização”.

O primeiro problema teórico identificado está na escolha por uma transliteração inglesa fonética do nome da autora que aparece na obra em árabe como [‘kla.ris], acentuando a primeira sílaba e eliminando a última vogal, enquanto que a pronúncia do nome dela em português acentua a penúltima sílaba e mantém o som do “i” no final, [kla.‘ri.si]. Outro ponto a ser ressaltado está na domesticação das referências culturais. Isso, de certa forma, apagou as características nordestinas de Macabéa e da própria autora, como o caso da palavra “cordel” que foi trocada por “folclore”, o que retirou do texto o sentido cultural e histórico. Em outro caso, o uso do termo “potência”, escolhido na revisão em detrimento da expressão “força maior”, do contexto burocrático, que o tradutor optou por traduzir dentro dos termos jurídicos egípcios equivalentes, mas que o revisor não manteve. Nesse momento, ele eliminou parte da ironia da obra com o estado burocrático brasileiro. Enfim, esses são alguns exemplos das escolhas do revisor que subtraem do leitor a possibilidade de conhecer as nuances culturais e peculiares da obra e da cultura brasileira.

8 Recepção da obra

A recepção, segundo a aproximação sócio-histórica de Pierre Bourdieu (1995), refere-se às leituras interativas da obra traduzida, cuja circulação se manifesta em dados editoriais, notícias, resenhas críticas, crônicas e artigos publicados no campo literário da língua-alvo, que tomam como tema o discurso literário da obra traduzida. Uma obra literária como *A Hora da Estrela* parte do canone literário no seu contexto originário, para sua tradução forjar seus próprios circuitos de leitura e interpretação de acordo com contexto receptor da tradução. A

obra foi muito bem recebida a apropriada pelos leitores árabes, especialmente, o público feminino. Observamos que há três perfis de leitores de Clarice Lispector no mundo árabe.

O primeiro é o público interessado nas manifestações culturais em língua portuguesa e que vem acompanhando o ensino desta língua no Egito. Isso foi identificado e divulgado nas notícias da Anba – Agência de Notícias Brasil Árabe, pela jornalista Isaura Daniel (2018) e pela própria embaixada brasileira no Cairo.

O segundo perfil é composto por jovens mulheres árabes letradas que se interessam pelo caráter feminino da escritora e pela trajetória da protagonista Macabéa que passa do nordeste para o Rio de Janeiro. Esse público emerge devido ao contexto de expansão da universidade pública no mundo árabe que proporciona o letramento dessas meninas de periferia e o contato delas com o conhecimento e a literatura internacional. Essa predileção pela obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, ressalta o caráter humano da abordagem de gênero da autora e como as questões existenciais, emocionais e da vida prática que Macabéa vive podem acender uma identidade feminina. (ELSALEM, 2019).

O terceiro grupo de leitores é aquele interessado na literatura modernista, a República da Literatura, e na posição da autora no mapa literário mundial. Há um interesse também pelas traduções literárias e suas questões. A reportagem feita por Ahmed Zanaty (2018), na Akhbar Al-Adab, principal semanário literário árabe atualmente, qualifica e identifica esse grupo leitor intelectualizado.

A obra foi apresentada em várias feiras de livro como no Cairo, Egito (2019), em Abu Dhabi (2018), no Emirados Árabes Unidos, em Beirute (2018), no Líbano, em Acra (2018), Gana, em Jacarta (2019), na Indonésia, e em Frankfurt (2018), na Alemanha e sua divulgação ocorreu em diversos jornais da imprensa árabe. Algumas escritoras egípcias louvaram o caráter feminino da obra e elogiaram a linguagem da tradução. A obra foi a mais vendida da editora nos últimos anos e já está esgotada.

9 Considerações finais

A tradução árabe de *A Hora da Estrela* é um texto vivo, produto de um processo de tradução que passou por uma edição domesticadora e uma recepção ativa pelo público árabe. Essa tensão entre tradução e edição evoca as palavras de Clarice Lispector:

traduzir pode correr o risco de não parar nunca: quanto mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos. Sem falar na necessária fidelidade ao texto do autor, enquanto ao mesmo tempo há língua portuguesa que não traduz facilmente certas expressões americanas típicas, o que exige uma adaptação mais livre (LISPECTOR, 1968).

Na parte da interpretação, o tradutor caminhou entre a polifonia narrativa e a mistura de vozes, tentando passos como desambiguação, identificação, codificação e a especificação semântica das palavras no seu contexto narrativo. Para dialogar com as alteridades ressaltadas por diferentes marcas culturais, foram usadas técnicas como a visualização, a explicitação discursiva, a transliteração e o empréstimo. O tradutor produziu uma tradução intercultural que dialogasse com o leitor e mantivesse traços específicos do texto fonte. Trata-se de uma leitura e uma visualização que se alimentou das vivências na cultura fonte e das leituras intertextuais da tradição literária brasileira e mundial. Isso leva a uma tradução estrangeirizante do texto fonte que almejava trazer para o leitor os efeitos literários e culturais característicos de Clarice

Lispector. Porém, na fase da edição, a tradução, a partir da intenção da editora, buscou domesticar o texto literário para o mercado editorial árabe. Para o editor, são as palavras existentes em árabe, em suas limitações, que dirão o que precisa ser dito.

Arrojo (1993) considera essa relação complexa entre literatura e tradução, pois a tradução vai de encontro à preservação do texto literário. Clarice Lispector, em *Água viva*, escreve: “Há muita coisa a dizer que não sei como dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: as que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido” (LISPECTOR, 1998, p. 31). Aqui, percebe-se a tensão entre o texto literário e o resultado da sua tradução, ou seja, sua projeção em outra língua com outras formas de expressão e outras cargas semânticas arraigadas no contexto da sua recepção.

Seguindo Jacques Derrida (2000), por um lado, no nosso ponto de vista, algumas “desobediências” do editor eram “parasitárias” porque causaram perdas desnecessárias na identidade do texto fonte. Por outro lado, dessa tensão entre tradutor literal e revisor domesticador surge a tradução como presença intermediária de sobrevida, fruto da apropriação e recriação do discurso literário do romance para o público-alvo, cuja recepção positiva passa questionar o conceito sacralizado de texto original.

Essa dialética entre leitura, tradução e editoração produziu umas dinâmicas geradoras dos leitores da obra em seus três perfis: o público interessando nas relações internacionais entre Egito e Brasil, o público feminino interessado na escrita da mulher e, por fim, o público interessado nas obras modernistas.

Finalmente, tendo em vista que o campo da tradução literária do português ao árabe ainda é incipiente, continuam-se as tentativas de desenvolver uma tradução intercultural que dialogue com os outros dentro do texto e os outros fora do texto no campo literário árabe pós-colonial, que está tendo um crescente interesse editorial na publicação das literaturas de língua portuguesa. Podemos entender essas inclinações literárias como manifestação de esperanças ativas por um diálogo solidário entre os falantes das duas línguas: a língua portuguesa e a língua árabe.

Referências

- ARROJO, R. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 210 p.
- ASSIS, M. A cartomante. *In*: ASSIS, M. **Várias histórias**. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- AUBERT, F. H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, nº. 5, São Paulo, 2006.
- AUBERT, F. H. Modalidades de Tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, v. 5. n. 1, p. 99-128, 1998.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução, uma nova proposta**. Campinas: Pontes Editores, 1990. v. 1.
- BELCHIOR, A. C.; REGINA, E. **Como nossos pais**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976.

ABDALA JUNIOR, B. Necessidade e Solidariedade Nos Estudos de Literatura Comparada. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 18, p. 122-133, 1996.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, v.1, p. 191-201.

BEZERRA, P. A Tradução como Criação. **Estudos Avançados**, p. 47-57, 2012.

BOURDIEU, P. **Las reglas del arte**. Barcelona: Anagrama, 1995.

CARNEIRO, A. T. Uma Visão Geopolítica do Espaço da Língua Portuguesa. **Revista Nação e Defesa**, n. 114, p. 99-139, 2006.

CEVA, R. Forró e mediação cultural na cidade do Rio de Janeiro. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

DANIEL, I. Livro de Clarice Lispector é lançado em árabe no Egito. **Agência de Notícias Árabe Brasil**, São Paulo, 06 ago. 2018.

DERRIDA, J. **O que é uma tradução "relevante"?**. Tradução: Olivia Augusta Niemeyer Santos. *Revista Alfa*, n. 44, p. 13-44, 2000.

ELGEBALY, M. T. M. A. Travessias e desafios da introdução dos estudos da língua portuguesa no Egito. In: ARANHA, S. D. G.; SOUZA, F. M. **Práticas de ensino e tecnologias digitais**. Campina Grande: EDUEPB, 2018, p. 499-517.

ELGEBALY, M. T. M. A. **Mobilidades culturais e alteridades em Relato de um certo oriente e sua pré-tradução árabe**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ELSALEM, F. S. Saeat Alnajma (A Hora da Estrela). **Aljarida**, Kuawit (I) 04 mar. 2019 e (II) 11 mar 2019.

GOMES, A. L. **Clarice em cena. As relações entre Clarice Lispector e o teatro**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning**. Maryland: University Park Press, 1978.

IDRIS, Y. **As noites mais baratas**. Cairo: Instituto Egípcio do Livro do Ministério de Cultura do Egito, 1954.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Krestschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

KALFAT, K. asghar aimra'atan fi alealam; masa 'aljarif; qurud almamuziat. In: KALFAT, K. **Contos latinoamericanos traduzidos ao árabe**. Cairo: Instituto Egípcio do Livro do Ministério de Cultura do Egito, 2013. Títulos originais: a menor mulher do mundo; Miss Algarve; Macacos sagui,

- LISPECTOR, C. Traduzir procurando não trair. **Revista Joia**, n. 177, Rio de Janeiro, maio de 1968.
- LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- LISPECTOR, C. **Saeat Alnajma**. Tradução: Maged Elgebaly. Cairo: Kotob Khan, 2018.
Título original: A Hora da Estrela.
- PYM, A. **Method in Translation History**. London/Manchester: St Jerome Eds, 1998.
- REZENDE, C. B. Os limites da sociabilidade: "cariocas" e "nordestinos" na Feira de São Cristóvão. **Estudos Históricos**, n 28, p. 167-181, 2001.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- RICOEUR, P. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos da tradução. *In*: HEIDERMANN, W. (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Volume 1 Alemão-Português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.
- SOUSA SANTOS, B. **El milenio huérfano**. Madrid: Akal, 2005.
- SOUZA, L. M. T. M. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. *In*: ABDALA JUNIOR, B. (org.). **Margens da Cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 113-133.
- ZANATY, A. Saeat alnajmt: Alhuriyat Ealaa Alnnasiat Al'ukhraa (Hora da estrela: Liberdade do outro lado). **Akhbar Al-Adab**, El Cairo, 2018.
- WILLIAMS, J.; ANDREW, C. **The Map**. A beginner's guide to doing research in translation studies. Manchester: St Jerome Publishing, 2002.

Recebido em: 22 de outubro de 2020

Aceito em: 10 de novembro de 2020

Publicado em Dezembro de 2020